OPINIÃO SOCIALISTA

O Jornal do PSTU Ano IX - Ed. 182 De 15 a 21/7/2004 - R$ 2

PASSAGENS AUMENTARAM ATÉ 66% ACIMA DA INFLAÇÃO

UM EM CADA TRÊS PAULISTANOS VIAJA A PÉ

PÁGS. 6 E 7

TRANSPORTE COLETIVO É UM INFERNO

Depois do Petróleo, Tio Sam Está de Olho na Água

PÁG. 5

Lenin 80 Anos: os Limites da Atuação Sindical

PÁG. 10

Conlutas Prepara Encontro Nacional

PÁG. 9

MÉXICO NO MERCOSUL É MAIS UMA JOGADA DO IMPERIALISMO

O MÉXICO QUER fazer parte do Mercosul; mais uma jogada para impulsionar a Alca e o comércio da América Latina sob o controle do governo norte-americano

ROOSEVELT PINHEIRO / AG. BRASIL

Vicente Fox presidente do México se reúne com Lula em Brasília

***YURI FUJITA**, da redação*

Nesta última semana o presidente Vicente Fox esteve no Brasil para apresentar o México como pretendente ao Mercosul. Já no Brasil, Fox afirmou que a entrada do México significaria um fortalecimento do bloco e impulsionaria uma integração da América Latina. O atual presidente mexicano tem um currículo digno de um representante dos interesses comerciais do imperialismo norte-americano. Formado pela Universidade Harvard em Administração de Empresas, teve sua primeira experiência em gerenciamento ocupando a presidência da Coca-Cola no México. Em 1988, ingressou no Partido de Ação Nacional (PAN), fundado em 1939, para representar os latifundiários e a burguesia industrial mexicana. Fox chegou ao poder após 72 anos de sucessivos governos do Partido Revolucionário Institucional (PRI). Capitalizou a crise do neoliberalismo após 1994 e se elegeu prometendo um "*desenvolvimento econômico com rosto humano*".

Por trás de toda esta ardorosa defesa de "*integrar a América Latina*" está a intenção de vender o livre comércio como modelo econômico para os países latino-americanos. e cita como exemplo a experiência de seu país com o Nafta (acordo comercial entre México, EUA e Canadá) "*Ninguém pode falar como o México das vantagens do livre comércio*".

MÉXICO: TÃO LONGE DO CÉU E... TÃO PERTO DOS EUA

Em 6 anos e meio de aplicação do Nafta, aparentemente, tudo caminhava bem com a economia mexicana. Foram incrementados cerca de US$ 102 milhões de investimentos estrangeiros. Em 5 anos o comércio com os EUA cresceu 118%. As exportações passaram de US$ 23 milhões em 1981 para US$ 138 milhões em 2000.

Na verdade, a economia mexicana cresceu enquanto a norte-americana não estava em recessão. Com a crise no coração do capitalismo, o México está pagando caro pela dependência de mais de 90% do comércio externo com os EUA. Em 1981, as exportações tinham um conteúdo nacional de quase 86%. Em 2001, por cada dólar da exportação industrial para os EUA só irrisórios 18 centavos ficavam no país. O setor que mais cresceu foi o das maquiladoras – empresas montadoras, que importam dos EUA a matéria-prima, montam e re-exportam, usando geralmente mulheres e crianças como mão-de-obra. Assim o México se transformou numa imensa plataforma de exportações dos produtos, na maioria americanos, fabricados pelas mais de 1.500 maquiladoras instalada no país.

A realidade demonstrou que apenas dois setores ganharam ao "*ser o 7º exportador mundial*": as empresas norte-americanas e a burguesia mexicana associada a elas. A instalação do Nafta, a partir de 1994, só aprofundou as condições precárias nas quais já vivia o povo mexicano. O poder aquisitivo do salário mínimo caiu em 50%. A dívida externa do país em lugar de baixar aumentou absurdamente. Em 1990, chegava a US$ 107 bilhões; em 2000, saltou para US$ 164 bilhões. Hoje está perto dos US$ 80 bilhões, mas às custas de uma profunda desnacionalização da economia e da "*hipoteca*" do petróleo mexicano para os EUA.

A pobreza no país também aumentou. Em 1984, havia 11 milhões de pobres, ou seja, 16% da população; já em 2003, passou a 50 milhões: 58% da população. Nos EUA, os trabalhadores também saíram prejudicados. Houve perda de 760 mil postos de trabalho desde que o acordo entrou em vigor.

As recentes pesquisas de opinião divulgadas no jornal mexicano "El Universal" já estão refletindo o desgaste do governo Fox. Quando perguntadas sobre o desemprego no México, 72% das pessoas reprovaram a política do governo. Além disso, 68% reprovaram ainda a economia e 60% o combate à pobreza implementado.

À luz destas cifras, não se pode dizer que o México se desenvolveu com a aplicação do Nafta. Ao contrário, está mais dependente, mais explorado, mais pobre, sem soberania nacional e se tornou uma colônia do imperialismo norte-americano.

Lula e a submissão imperialista

O governo Lula por outro lado, envaidecido pelo desejo de Fox de estabelecer relações bilaterais com o Mercosul, demonstra interesse em tomar como modelo a economia mexicana. A iniciativa de Fox em "oferecer ajuda" a Lula para alavancar o Mercosul tem uma origem clara. O presidente mexicano não fala por si mesmo, tem como missão encaminhar as negociações da Alca através deste acordo Mercosul-Nafta.

A submissão completa das burguesias latino-americanas às ordens do imperialismo se expressa de forma geral em todos os tratados dos quais participam: Nafta, Alca e, inclusive, os assinados entre os países da área, como o Mercosul, são variantes do desmantelamento de qualquer norma de proteção das economias, a serviço da penetração das multinacionais.

PELO MUNDO

POR YURI FUJITA

PERU

População quer paralisação contra Toledo

Respaldada por organizações camponesas, estudantis, sociais e partidos de esquerda, a Confederação Geral dos Trabalhadores Peruana convocou para 14 de julho uma paralisação nacional. A pauta de reivindicações inclui a mudança na política econômica e a renegociação da dívida externa. Uma pesquisa de opinião do Instituto de Investigações de Ciências Econômicas do Peru revelou que 85% da população acreditam que a renúncia do presidente Alejandro Toledo deveria estar entre as reivindicações da paralisação.

BOLÍVIA

Confirmado o referendo do gás

INDYMEDIA

O Congresso boliviano aprovou a realização do referendo sobre o gás para o dia 18 de julho. A consulta terá cinco perguntas, mas a COB alega que nenhuma delas tratará da nacionalização do gás, como quer o movimento: "Este referendo é uma armadilha do presidente Mesa para respaldar seu projeto de entregar o gás às multinacionais", afirmou Jaime Solares, presidente da COB. A orientação da central é boicotar o referendo e, onde for possível, impedir que as mesas de votação sejam instaladas. O MAS, de Evo Morales, se somou à bancada da direita para aprovar a realização do referendo e, contra a maioria das organizações, está com o governo convocando a população a votar.

ESPANHA

Tirando tropas do Iraque e mandando para outro lugar

O recém eleito primeiro-ministro da Espanha, José Zapatero, provou ser uma farsa. No dia 6, sua proposta de enviar tropas ao Haiti e reforçar a presença militar da Espanha no Afeganistão foi aprovada no Parlamento. Zapatero elegeu-se comprometido com a retirada das tropas do Iraque, mas, na primeira oportunidade, socorre os EUA.

ENDEREÇOS

SEDE NACIONAL

Rua Humaitá, 476
Bela Vista - São Paulo (SP)
CEP 01321-010
(11) 3105.6316

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br
livraria@pstu.org.br

ALAGOAS
MACEIÓ -R. Pedro Paulino 258 Poço (82)336.7798 *maceio@pstu.org.br*

AMAPÁ
MACAPÁ - Av. José Antônio Siqueira, 941, Laguinho (96) 9965-0612 *macapa@pstu.org.br*

AMAZONAS
MANAUS - R. Luiz Antony, 823 - Centro (92)234.7093 *manaus@pstu.org.br*

BAHIA
SALVADOR - R.Fonte do Gravatá, 36 - Nazaré (71)321.3632 *salvador@pstu.org.br*

CEARÁ
FORTALEZA - CENTRO -Av. Carapinima, 1700 - Benfica *fortaleza@pstu.org.br*

DISTRITO FEDERAL
BRASÍLIA - Setor Comercial Sul - Qd. 2 - Ed. Jockey Club - Sala 102 *brasilia@pstu.org.br*

ESPÍRITO SANTO
VITÓRIA - *vitoria@pstu.org.br*

GOIÁS
GOIÂNIA - R. 242, Nº 638, Qda. 40, LT 11, Setor Leste Universitário - (62)261-8240 *goiania@pstu.org.br*

MARANHÃO
SÃO LUÍS - R. dos Afogados, 169 sl 8 Centro (98)258-0550 *saoluis@pstu.org.br*

MATO GROSSO
CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165 Jd. Leblon (65)9956.2942

MATO GROSSO DO SUL
CAMPO GRANDE - Av. América, 921 Vila Planalto (67) 3840144 *campogrande@pstu.org.br*

MINAS GERAIS
BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31)3201.0736
CENTRO - FLORESTA
Av. Paraná 191, 2º andar - Centro
BARREIRO -Av. Olinto Meireles, 2196 sala 5 Pça Via do Minério

PARÁ
BELÉM - Av. Gentil Bittencourt, 2089 - (91)259.1485 *belem@pstu.org.br*

PARAÍBA
JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391 -1º andar - Centro (83)241-2368 - *joaopessoa@pstu.org.br*

PARANÁ
CURITIBA - R. Alfredo Buffren, 29/4

PERNAMBUCO
RECIFE -Rua Leão Coroado, 20/1º andar, Boa Vista (81)3222.2549 *recife@pstu.org.br*

PIAUÍ
TERESINA - R. Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO
RIO DE JANEIRO - PRAÇA DA BANDEIRA - Tv. Dr. Araújo, 45 - (21)2293.9689 *rio@pstu.org.br*

RIO GRANDE DO NORTE
NATAL - CIDADE ALTA - R. Dr. Heitor Carrilho, 70 (84) 201.1558

RIO GRANDE DO SUL
PORTO ALEGRE - Rua General Portinho, 243 (51) 3286.3607 *portoalegre@pstu.org.br*

SANTA CATARINA
FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 104 Centro (48)225.6831 *floripa@pstu.org.br*

SÃO PAULO
SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br*
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11)3313.5604

SERGIPE
ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b Cjto. Orlando Dantas (79) 251-3530 *aracaju@pstu.org.br*

Veja o endereço de outras sedes em nosso site:
www.pstu.org.br/sedes

EDITORIAL

ELEIÇÕES NÃO RESOLVEM NADA

WLADIMIR DE SOUZA

É mais um sinal de barbárie que trabalhadores e estudantes sejam obrigados a ir a pé para o seu local de trabalho e de estudo porque não tem mais condições de pagar as tarifas de ônibus. Nos últimos anos, a máfia dos empresários do transporte coletivo impôs reajustes exorbitantes, muito acima da inflação, que a população não pode pagar.

Mas essa quadrilha não age sozinha, contando com a conivência das administrações municipais. Isso quando essas não têm participação direta na bandalheira. Para manter seu "negócio" funcionando, a máfia do transporte contribui com milhões nas campanhas eleitorais dos candidatos a prefeitos e vereadores, como aconteceu na prefeitura petista de Santo André (SP). Em troca, os candidatos quando eleitos aceitam os mandos e desmandos desses bandidos. Muitos são diretamente sócios de empresas de ônibus, como por exemplo, o clã dos Amim, ligados ao PP, em Santa Catarina.

O governo Lula não está nem aí com os problemas que os trabalhadores enfrentam. Prova disso é a manutenção da mesma política econômica do governo anterior e da aprovação do salário mínimo de R$ 260. Ora, Como pode um trabalhador sustentar sua família e ainda pagar tarifas exorbitantes com esse salário de fome! Parece mesmo que a única preocupação com relação a transporte que passou pela cabeça do presidente, foi a compra de seu jato particular de R$ 167 milhões.

O caos enfrentado pela saúde e educação é igual ou superior ao do transporte. Em São Paulo, por exemplo, servidores, professores e estudantes das universidades estaduais protagonizam uma greve de mais de 40 dias contra a situação de penúria do ensino superior do estado.

Os partidos que governam o país, os estados e municípios estão com o rabo preso com os empresários e com a burguesia. Nessas eleições, eles novamente apareceram no horário eleitoral prometendo soluções mágicas para resolver os problemas do povo, dizendo que basta votar neles que está tudo resolvido. Mas os trabalhadores já viram esse filme e sabem qual é o seu trágico final.

O exemplo dado pela população de Florianópolis deve ser seguido pelos trabalhadores do país. Cansada de promessa, a população da cidade promoveu manifestações diárias, derrotando a máfia dos transportes e a prefeitura, revertendo o aumento da tarifa.

Nessas eleições, PSTU será o único partido a denunciar a farsa da democracia dos ricos, afirmando que o processo eleitoral é um jogo de cartas marcadas e que, portanto, não vai trazer mudanças para a vida dos trabalhadores. Nossas candidaturas estarão a serviço da luta, nossa participação nas eleições é para dizer que só com a mobilização permanente dos trabalhadores será possível melhorar suas condições de vida.

FALA ZÉ MARIA

Mais uma vez, é preciso corrigir o rumo

José Maria de Almeida, o Zé Maria, é Presidente Nacional do PSTU e membro da Executiva Nacional da CUT

NÃO É possível que um partido de esquerda apóie a burguesia e o governo Lula

Através das páginas do Opinião, vimos polemizando com o PSOL, partido recém formado pelos parlamentares radicais. Todos conhecem nossas diferenças com a estratégia desse partido, que está centrada nas eleições, com a candidatura de Heloísa Helena em 2006. Os companheiros pensam em reeditar o PT, que por anos trabalhou com a estratégia de eleger Lula e deu no que deu.

Ultimamente, esta polêmica estratégica se concretizou em dois temas políticos. O primeiro tem a ver com a Conlutas. Apesar de estarem presentes no Encontro de Luziânia, que marcou o ato do dia 16 de junho em Brasília e possibilitou a formação da Conlutas, os companheiros, em sua maioria se aliaram à Articulação, ao PCdoB e ao Fortalecer a CUT, para boicotar o dia 16. No entanto, apesar deles, essa manifestação foi uma grande vitória, se transformando na maior mobilização contra o governo deste ano, reunindo 20 mil pessoas. É importante destacar que um setor minoritário do PSOL teve uma postura distinta desde o início, se integrado à Conlutas e à preparação do dia 16.

Felizmente, na última reunião nacional da direção da Conlutas, apareceram representantes de outros setores do PSOL, com a disposição de se integrarem a esse processo. Isso é extremamente positivo. Resta ver se essa integração se coloca realmente dentro da estratégia de construir uma alternativa à direção da CUT, ou é apenas uma adequação tática, a partir da constatação de sua derrota do dia 16.

A outra polêmica política vem se dando ao redor das eleições deste ano. Como o PSOL não tem legalidade para concorrer nestas eleições, temos chamado esse partido a apoiar as nossas candidaturas, por serem as únicas claramente de oposição de esquerda ao governo.

O PSOL optou por não ter uma posição sobre o tema. Na prática, em cada cidade, temos uma posição diferente. Em várias cidades, temos militantes do PSOL apoiando candidaturas do PSTU, o que é muito positivo. Queremos debater com esses companheiros o programa dessas candidaturas, porque opinamos que é muito importante que a esquerda tenha uma campanha forte e unificada de oposição ao governo Lula.

Infelizmente, na maioria das cidades, o que impera é o apoio do PSOL a partidos que apoiam o governo Lula, ou mesmo a partidos da direita burguesa. Em Maceió, Heloísa Helena apoia um candidato, Regis Cavalcante, do PPS do ministro Ciro Gomes. No Rio de Janeiro, Milton Temer, da executiva nacional do PSOL, faz parte do núcleo dirigente da campanha de Jandira Feghali, do PCdoB.

Agora, em Goiânia, o vereador Elias Vaz, membro do PSOL (integrante da corrente MTL), é parte de uma coligação que tem como candidato a prefeito Rannieri Lopes, do PTC. Este partido é o antigo PRN, de Collor e Celso Pitta, dois dos maiores símbolos da direita corrupta deste país. Martiniano Cavalcante, da executiva nacional do PSOL, também é de Goiânia e acompanha esta aliança eleitoral.

Não é possível que um partido que se apresenta como de oposição ao governo apóie o PPS e o PCdoB. Não é possível que um partido de esquerda apóie o PTC. É preciso corrigir já o rumo, ou o PSOL vai repetir a prática nociva das alianças espúrias do PT.

A DISPUTA PELO OURO AZUL

A ÁGUA POTÁVEL é um dos recursos naturais que faz o tio Sam crescer seus olhos sobre a América Latina. Quem controlar a água, controlará a economia mundial e a vida no futuro

***NANCY E.**, do Uruguai*

A suposta atividade de grupos terroristas na Triplíce Fronteira, que une Argentina, Brasil e Paraguai, tem sido o pretexto dos EUA para incrementar sua presença militar na região e cumprir seu verdadeiro objetivo: apoderar-se silenciosamente do Aqüífero Guarani, a reserva de água mais importante do mundo, situada nos três países sul-americanos. Segundo especialistas, o aqüífero poderia produzir 40 quilômetros cúbicos de água, ou seja, 40 bilhões de litros por ano. Seria o suficiente para abastecer, separadamente, a população que vive na região e satisfazer o consumo da população norte-americana.

Por isso, nos últimos meses, os EUA insistiram que existem bases de organizações como Hamas, Hezbollah e Al Qaeda na zona da Triplíce Fronteira.

Segundo dados oficiais, a zona tem uma população de 470 mil habitantes, divididos da seguinte maneira: 30 mil em Porto Iguaçu, na Argentina; 270 mil em Foz do Iguaçu, no Brasil; e 170 mil em Ciudad Del Este, no Paraguai.

Em Ciudad Del Este e Foz do Iguaçu existe uma importante comunidade sírio-libanesa dedicada ao comércio. A atividade mais importante nessas duas cidades é o turismo. Já em Ciudad Del Este, a atividade é o contrabando, organizado e controlado pelo poder político-militar.

Por que esta zona adquire tanta importância para os EUA? O recurso estratégico mais importante para eles, atualmente, é o petróleo e seus derivados. Para assegurar seu abastecimento a preços convenientes, sob o pretexto do controle do terrorismo internacional e do narcotráfico, têm tentado estabelecer o controle político-militar de importantes jazidas, sobretudo na Ásia Menor e na América Latina. Por isso, não tiveram dúvidas em invadir o Afeganistão e o Iraque.

Nas Américas, os EUA agem no México, utilizando o Tratado de Livre Comércio da América do Norte (Nafta) como instrumento de submissão e dependência, e sobre a Venezuela, organizando um falido golpe de Estado e outras ameaças, com o objetivo de não prejudicar seu controle sobre o petróleo.

DE OLHO NA ÁGUA

Entretanto, outros recursos naturais têm começaram a assumir valor estratégico para um futuro próximo. Nos últimos tempos, tem sido significativa a importância da água potável como recurso escasso para os anos vindouros e fundamental para a sobrevivência da humanidade. Quem a controlar, controlará a economia mundial e a vida no futuro, não tão longínquo.

Não foi à toa que os EUA, mediante o Plano Amazônia, ameaçaram se estabelecer na região para controlar as reservas de água. Utilizaram argumentos como a importância de controlar o movimento do povo yanomami, que reinvidicava importantes áreas do território brasileiro. Mais adiante, tentaram estabelecer-se militarmente na base de Alcântara, no Maranhão.

> **O AVANÇO dos EUA tem coloca em perigo a soberania dos países do Aqüífero do Guarani e de toda a região**

As tentativas dos EUA de se estabelecerem na Venezuela não obtiveram êxito. No entanto, com o pretexto de combater o narcotráfico, vêm conseguindo implantar-se militarmente na região sul-americana, com o Plano Colômbia. Ainda há tentativas de implantação militar imperialista em Manta, no Equador e em outros países.

Todo esse projeto se complementa com o plano da Alca, uma pseudoaliança das débeis economias latino-americanas com o poder das corporações e do governo norte-americano.

O CONTROLE MILITAR

Por isso, o interesse militar norte-americano na Triplíce Fronteira revela que existe uma jazida colossal de água potável, a mais importante do mundo: o Aqüífero Guarani.

Os EUA estruturam um sistema para detectar a magnitude do Aqüífero Guarani, assegurar seu uso de maneira "sustentável" e evitar todo tipo de contaminação. O Banco Mundial, a Organização dos Estados Americanos, organizações alemãs e holandesas e controladas pelos EUA e acadêmicos dos países envolvidos estão à frente dessa investigação. Já foram destinados cerca de 26 milhões de dólares no projeto.

CARIDADE GRINGA?

Cabem as perguntas: Por que os governos da região renunciaram a autonomia do projeto? Que significa "desenvolvimento sustentável" para os países imperialistas e para os que não pertencem a este grupo? A quem obedecem e respondem os organismos internacionais que intervêm no projeto? Desde quando os EUA nutrem sentimentos altruístas, solidários e humanitários?

A inoperância e atitude dos governos locais, atentos exclusivamente a seus interesses particulares e não aos nacionais, têm favorecido ao incessante avanço dos EUA e colocado em perigo a soberania dos países do Aqüífero do Guarani e de toda a região.

Diante das cifras, não cabe mais a surpresa e, agora, tudo tende a justificar-se: a inusitada presença de efetivos militares norte-americanos na região; a proliferação de embates, sempre falsos, de ações de terrorismo internacional desde a Triplíce Fronteira; as infundadas suspeitas sobre a comunidade árabe na região; os contínuos exercícios combinados das forças militares da imperialismo norte-americano nas regiões sob pretextos absurdos.

Continuamente, vem se falando da necessidade e da possibilidade de ser instalada uma base militar dos EUA na província das Missões, na Argentina, a fim de controlar tão temidos terroristas. Os preparativos avançam com receptividade do Ministério de Defesa argentino e o apoio de setores militares, que facilitam as fases prévias das instalações. São os mesmos setores que sonham que a presença ianque lhes permitirá repetir a epopéia da guerra contra a subversão, só que, agora, tendo comerciantes sírio-libaneses como inimigos.

SAIBA MAIS — AQÜÍFERO GUARANI: 40 BILHÕES DE LITROS POR ANO

O aqüífero é uma das maiores reservas de água subterrânea do planeta, calculada hoje em 55 mil km cúbicos. Cada quilômetro cúbico equivale a um bilhão de litros de água. Sua sobrecarga seria de 160 a 250 km cúbicos a cada ano, de tal forma que, com a exploração de 40 km cúbicos anuais, poderia abastecer 360 milhões de pessoas, que receberiam 300 litros diários de água.

Sua superfície é de 1.194 milhão de quilômetros quadrados, dos quais 839 mil estão em território brasileiro, 226 mil na Argentina, 71.700 mil no Paraguai e 59 mil no Uruguai.

GRANDES EMPRESÁRIOS FINANCIAM CAMPANHAS ELEITORAIS

AS ELEIÇÕES FUNCIONAM para que tudo permaneça sob controle da burguesia

DIEGO CRUZ, da redação

A farsa da democracia é construída desde a legislação eleitoral, que determina as regras do jogo, até o empresariado que financia as grandes campanhas eleitorais.

O que estabelece o tempo que cada partido tem na campanha eleitoral (Rádio e TV) é o número de deputados eleitos no último pleito. Desta forma, os partidos tradicionais que sempre dominaram a política nacional têm todas as condições de se manterem no poder. Além disso, essa regra também favorece todo tipo de aliança, beneficiando candidatos que fazem de tudo para se elegerem. Um exemplo é a união entre o candidato petista à prefeitura de Nova Iguaçu (RJ), Lindberg Farias, com o PFL e o PSDB, que lhe rendeu 10 minutos no horário eleitoral.

Os debates promovidos por emissoras de TV também explicitam o favorecimento aos poderosos. A legislação eleitoral só garante espaço para os partidos que tenham representação parlamentar. Os demais ficam restritos a uma pequena divulgação da agenda dos seus candidatos na TV.

FINANCIAMENTO: QUEM PAGA A BANDA...

Para garantirem sua perpetuação no poder, os representantes da burguesia não poupam recursos. Nas eleições de São Paulo, Marta Suplicy (PT), Luiza Erundina (PSB/PMDB) e o candidato José Serra (PSDB), declararam que irão gastar, cada um, R$ 15 milhões. Já Paulo Maluf (PP), afirmou que gastará "apenas" R$ 5 milhões. Isso é somente o declarado à justiça eleitoral. As grandes campanhas eleitorais, desde panfletos até as superproduções de TV, são financiadas por empresários, banqueiros e fazendeiros.

Os maiores financiadores de campanhas, não por acaso, são justamente aqueles que têm interesse em licitações de serviços públicos. Nas eleições de 2002, por exemplo, o maior doador da campanha eleitoral foi a Odebrecht, mega-empresa do ramo de infra-estrutura. Outra grande financiadora foi a construtora OAS, que tem como sócio um ex-genro de ACM. Ela financiou as campanhas de, entre outros, Geraldo Alckmin (PSDB), Benedita da Silva (PT), Esperidião Amin (PPB) e do próprio Lula.

O atual presidente nacional do PT e ex-candidato ao governo de São Paulo, José Genoíno, teve grande parte de sua campanha financiada por Antônio Ermírio, seja através do grupo Votorantim, seja através de suas empresas, como a Cia Brasileira de Alumínio. Ele também recebeu doações da Bovespa. Já a campanha de Lula teve como um de seus maiores financiadores o banco espanhol Santander, com R$ 1,4 milhão.

PSTU DENUNCIA FARSA

O **PSTU** participa das eleições sem ilusão de que elas representem uma oportunidade de mudança na vida da população. Toda a campanha eleitoral do **PSTU** é financiada pelos próprios militantes e através de contribuições de trabalhadores. O partido aproveita para divulgar seu programa e denunciar a farsa da democracia burguesa, afirmando a necessidade de uma ruptura com o sistema capitalista e da construção de uma nova sociedade socialista.

POLÊMICA

UMA CONFUSÃO DELIBERADA

P-SOL QUER O APOIO dos que tem e dos que não tem acordo com seu partido

EDUARDO ALMEIDA, da redação

O P-SOL está desenvolvendo sua campanha de legalização, essencialmente a partir de um eixo democrático, pedindo que assinem os que estão de acordo com o seu direito de existir. Ou seja, chamam todos a assinarem por sua legalização, estejam ou não a favor das propostas do P-SOL.

Nós estamos a favor de que o P-SOL ou qualquer outro partido seja legalizado. Somos contra as exigências do estado burguês e defendemos a livre existência dos partidos, sejam de esquerda ou de direita. É um absurdo que se exijam 400 mil assinaturas para legalizar o P-SOL, da mesma maneira como é um absurdo que se dêem 14 minutos para um partido na TV e 30 segundos para outro. Isso é absolutamente antidemocrático e não ocorre em outros países capitalistas. Na Espanha, basta a inscrição na justiça eleitoral dos responsáveis para a legalização do partido. Na França, todos os candidatos têm 5 minutos diários na TV.

O **PSTU** teve que, no passado, cumprir as tarefas de legalização, o que significou um enorme esforço de nossa militância. Hoje enfrentamos as limitações antidemocráticas das restrições do nosso tempo de TV e rádio.

Nesse sentido nos dispomos a participar de qualquer mobilização, ou de firmar um abaixo-assinado para exigir o fim das 400 mil assinaturas para a legalização dos partidos. Da mesma forma nos dispomos a uma luta democrática para que todos os partidos tenham tempo igualitário na TV e rádio.

Mas o P-SOL não está pedindo assinaturas para isso, está querendo que os ativistas assinem para legalizar sua legenda, e isso é outra questão. Estamos a favor do direito de todos os partidos a se legalizar, sejam de direita ou esquerda, reformistas ou revolucionários, mas não apoiamos todos os partidos, nem achamos que são progressivos.

> **APOIAR OU ASSINAR o abaixo assinado do P-SOL é apoiar politicamente este partido, e nós não estamos a favor disso**

Se Ciro Gomes romper com o PPS e quiser formar outro partido, nós estaremos a favor do direito democrático de que o seu partido exista, mas não vamos firmar o abaixo-assinado de sua legalização, porque isso implica em um apoio político a este partido.

O P-SOL tem todo o direito de existir. Mas sua campanha de legalização deve se apoiar naqueles que concordam com as propostas do P-SOL.

Apoiar ou assinar o abaixo assinado do P-SOL é apoiar politicamente este partido, e nós não estamos a favor disso. O P-SOL é um partido reformista que quer reeditar a experiência do PT, de levar as massas a centrarem suas esperanças de mudar o país nas eleições de 2006, com a candidatura de Heloísa Helena. Nós, ao contrário, apostamos nas lutas diretas dos trabalhadores e da juventude. Nós participamos das eleições, mas não nos iludimos com elas, participamos para apoiar as lutas e divulgar um programa revolucionário.

Respeitamos o direito de que os companheiros tenham esta posição e defendemos seu direito à legalidade, mas não apoiamos esse projeto eleitoreiro. Os ativistas e a esquerda brasileira já viveram essa experiência com o PT e Lula e repetí-la agora seria um erro muito mais grave.

Os companheiros têm uma postura tão reformista que se recusaram a formar um movimento comum com o **PSTU**, nos excluindo das discussões sobre o novo partido.

Por isso, não estamos a favor de apoiar o P-SOL e chamamos os ativistas também a não assinarem.

O CAOS NO TRANSPORTE, A SERVIÇO DAS MÁFIAS DOS ÔNIBUS

O TRANSPORTE urbano no Brasil é caro, caótico e dominado por uma máfia de empresários, com a conivência corrupta dos governos

CLÁUDIA COSTA, da redação

A revolta da população contra o aumento da tarifas nos ônibus, iniciada em Florianópolis (SC) em 28 de junho, trouxe mais uma vez à tona o debate sobre o transporte público no Brasil, país onde cerca de 54 milhões de pessoas estão cerceadas do direito de ir e vir, por não terem condições de pagar as tarifas de transporte. Os mais afetados são desempregados, trabalhadores de baixa renda e estudantes.

A situação caótica do transporte não é de hoje. Na década de 50, com a implantação das multinacionais automobilísticas, o país dedicou-se à fabricação de carros, ônibus e caminhões. As ferrovias e hidrovias que seriam soluções muito mais baratas e eficientes para o transporte de pessoas e cargas entre os estados foram totalmente secundarizadas. Isso em um país com dimensões continentais como o Brasil.

Em relação ao transporte urbano, também as ferrovias e metrôs seriam opções mais eficazes para a população, o problema é que não o seriam para as grandes empresas que dirigem o país.

Um dos reflexos da aplicação dessa política no setor foi a geração do caos no tráfego nas grandes cidades. Grandes aglomerações de carros andam cada vez mais devagar nos engarrafamentos. O transporte alternativo, como as peruas, permanece ilegal ou não-regulamentado. A população pobre, por sua vez, fica amontoada nos ônibus, cada vez mais caros.

As passagens aumentaram de 28,7% a 62,2% acima da inflação do INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor), conforme levantamento feito em oito capitais brasileiras pelo jornal *Folha de São Paulo*, entre 1995 e 2002.

Em São Paulo, a passagem de ônibus no período subiu 240%, de R$ 0,50 para R$ 1,70, quando houve o aumento de 20%, em janeiro de 2003. A mesma situação ocorreu com a tarifa de metrô. O bilhete unitário passou, no período pesquisado, de R$ 0,60 para R$ 1,90, um reajuste de 216,7%. Pelo INPC, deveria custar, na época do aumento, R$ 1,58.

A prefeita Marta Suplicy, para mascarar este absurdo nas tarifas, implantou agora, nas vésperas das eleições, o bilhete único, que permite ao usuário andar por duas horas com o mesmo bilhete em mais de um transporte. Seria necessário, junto com esta medida, baixar o preço da passagem.

Foi um desses aumentos abusivos – 15,6% – que levou ao recente levante de Florianópolis, cujo valor das passagens já é o mais caro no país.

OS SEM -TRANSPORTE

O preço das passagens está levando muitos trabalhadores de baixa renda a dormirem nas ruas ou em albergues durante a semana por não terem dinheiro para voltar para casa todos os dias.

De 1995 a 2002, a média de usuários dos ônibus urbanos no país caiu 30%. Em São Paulo, a queda foi próxima a 50%. Segundo levantamento da Fipe (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas da USP), em 2000, São Paulo contava 8.706 moradores de rua. Mais de 60% trabalhavam em alguma atividade (catador de papel ou latas, camelô, pedreiro e carregador, por exemplo) e contavam com a renda média mensal de R$ 284. Essas pessoas, denominadas *"excluídas do transporte"*, segundo a pesquisa, seriam passageiros em potencial. Elas têm casa, mas não têm dinheiro para pagar passagens casa/trabalho/casa.

Estudos divulgados pelo Itrans (Instituto de Desenvolvimento e Informação em Transporte) e pelo Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) indicaram que as classes D e E estavam deixando de usar os meios de transporte motorizados para andar a pé ou de bicicleta. Um estudo do Metrô apontou que na Grande São Paulo 36,6% das viagens já estão sendo feitas a pé pelas pessoas que não conseguem pagar as tarifas.

Verdadeiros bandidos dirigem o setor

FOTO JOSÉ CRUZ / AGÊNCIA BRASIL

Ônibus queimado pela população em Anapolina

Propinas. Corrupção. Assassinatos. O setor de transportes, essencial para a população como saúde, educação e moradia, é controlado por verdadeiras máfias em diversas cidades. Essas máfias financiam as campanhas eleitorais dos partidos burgueses (e do PT), e depois têm a conivência dos governos.

Alguns casos tornaram-se escândalo nacional. Um exemplo é a "máfia do transporte", em São Paulo, cujos escândalos fizeram parte do noticiário durante meses em 2003.

Inúmeras empresas ficaram sob intervenção, entre elas Expresso América do Sul, Parelheiros, Santa Bárbara, Cidade Tiradentes e São Judas. Laudos policiais e da Promotoria de Justiça da Cidadania de São Paulo apontaram que o grupo de viações do empresário Baltazar José de Sousa, que já chegou a ter 61 empresas de ônibus pelo país, devia R$ 259.501.437 ao INSS (Instituto Nacional do Seguro Social). E, entre 1996 e 1997, duas de suas empresas enviaram US$ 12 milhões (cerca de R$ 36 milhões) ao exterior.

Diretores do Sindicato dos Motoristas de São Paulo foram acusados, indiciados e presos por recebimento de propinas de empresas de ônibus para realizar locautes (greve de patrões) pelo aumento de passagens. Também foram acusados de envolvimento em assassinato de pelo menos oito sindicalistas. Em 2000, o então presidente do Sindicato dos Motoristas de São Paulo, Edivaldo Santiago, foi acusado pelo assassinato do presidente do Sindicato dos Motoristas de Guarulhos, Maurício Alves Cordeiro.

Em 2003, quando estouram os escândalos, a prefeita Marta Suplicy (PT) deveria ter aproveitado para estatizar o sistema de transporte, garantindo condições de locomoção à população de baixa renda. Entretanto, cedeu a máfia do empresariado e aumentou as tarifas para R$ 1,70, reservando ainda R$ 119 milhões dos cofres municipais para subsidiar as empresas de ônibus e lotações.

SANTO ANDRÉ: O ASSASSINATO DO PREFEITO

O assassinato do ex-prefeito de Santo André, Celso Daniel, também envolveu a máfia de propinas e transporte na cidade.

Rosangela Gabrilli, sócia da Expresso Guarará, denunciou que sua empresa era obrigada a pagar mensalmente propina a pessoas ligadas à administração petista. Ronan Maria Pinto foi acusado de chefiar um esquema de propina, ao lado do empresário Sérgio Gomes da Silva (*foto*), do vereador Klinger Luiz de Oliveira Souza (PT) e outros. Sérgio está preso, acusado pela morte de Celso Daniel.

FOTO NERICILDA ROCHA

Agosto do Buzu, em Salvador (BA)

MOBILIZAÇÕES PARA ENFRENTAR MÁFIAS E TARIFAÇOS

Se o descaso dos governantes com o transporte público e a máfia empresarial tomam conta do setor, os estudantes, em diversas cidades têm sido a vanguarda na luta pela redução de tarifas, pelo passe-livre e nas denúncias de desmandos nos transportes de suas respectivas cidades.

Em maio deste ano, os estudantes de Fortaleza (CE), organizados pelo Fórum Estudantil de Lutas pelo Passe Livre, foram às ruas e realizaram passeatas, sendo violentamente reprimidos pela polícia militar local. Eles lutaram contra a portaria 13-c da Prefeitura, que instituía a bilhetagem eletrônica, abrindo a possibilidade de limitar a meia passagem e a instituição do *passcard*. Isso acabaria por prejudicar os trabalhadores de uma forma geral e de forma específica, os cobradores de ônibus, com a possibilidade de demissão em massa.

No ano passado, depois da fantástica mobilização em Salvador contra o aumento da tarifa do transporte, o *Agosto do Buzu*, em diversas cidades foram organizados atos contra o aumento de passagens e pelo passe-livre. Os protestos também continuaram em 2004. Em São Paulo, estudantes do CEFET fizeram uma manifestação pelo passe-livre, aproveitando a visita surpresa da prefeita Marta Suplicy (PT) à escola. Cidades como São José dos Campos (SP), São Carlos (SP) e Belém (PA) também foram cenários de manifestações estudantis.

FOTO MANOEL PEREIRA / SIND. METALÚRGICOS SJC

Estudantes pulam a roleta em São José dos Campos (SP)

ESTUDANTES têm sido a vanguarda na luta pela redução de tarifas, pelo passe-livre e nas denúncias de desmandos nos transportes

FLORIPA VIRA PALCO DE LUTAS E REVOLTAS

Semana passada foi a vez do povo de Florianópolis se revoltar contra os desmandos do governo local. A máfia dos transportes, através de sua principal aliada, a prefeita Ângela Amim (PP), e da Câmara dos Vereadores, aumentou as tarifas de ônibus em 15,6% , elevando o preço para valores que vão de R$ 1,15 até R$ 3, com a tarifa média de R$ 2,60, a mais cara do país. Mas, desta vez, a população deu a resposta: parou por mais de uma semana a cidade, com bloqueio de ruas, pontes e terminais.

Essa luta impôs uma grande derrota à burguesia e pode ser considerada a segunda mais importante mobilização da história da população pobre e da juventude da cidade. A primeira foi a chamada *"Novembrada"*, que ocorreu em novembro de 1979 contra o ditador Figueiredo e Jorge Bornhausen, na época governador do estado.

"Florianópolis demonstrou como se pode melhorar a vida das pessoas: pela luta e não pelas eleições"

FOTO YURI FUJITA

GILMAR SALGADO, candidato a prefeito de Florianópolis pelo PSTU e coordenador da Conlutas de Santa Catarina foi entrevistado pelo Opinião Socialista

OS - O que aconteceu na cidade?

Gilmar Salgado - Uma demonstração da força da juventude e dos trabalhadores, que saíram vitoriosos na luta contra governo e empresários. Ali se demonstrou como se pode melhorar a vida das pessoas: pela luta e não pelas eleições.

A prefeitura tentou aumentar os lucros da máfia de transporte. Em oito anos, a prefeita do PP aumentou a tarifa em 238%, contra uma inflação de 75%. Isso, justo no momento em que o governo Lula aprovou o ridículo "aumento" de R$ 20 para o salário mínimo.

OS - Como reagiram a prefeita e o governo estadual?

Gilmar – Devido à disputa eleitoral entre o PP da prefeita e o PMDB do governador, num primeiro momento a polícia não reprimiu o movimento. Depois a prefeita Ângela Amim exigiu publicamente a intervenção do exército. O governador Luis Henrique (que tem em seu governo o PCdoB e apoio do PT) autorizou a PM a reprimir os manifestantes. Foi quando ocorreu uma série de torturas e prisões de trabalhadores e estudantes, digna da ditadura. Tudo isso, além da repressão dos seguranças armados das empresas de ônibus.

OS - Quem dirigiu o movimento?

Gilmar Salgado - O movimento foi marcado por uma espontaneidade e radicalismo surpreendentes. A cada dia apareciam novos manifestantes. Nos bairros, foi dirigido pelas associações de moradores. No Centro, houve uma participação geral, apesar das direções ligadas ao governo Lula (PCdoB/UJS, PT, CUT, JRI) tentarem desviar as lutas dizendo *"que o aumento era algo para a Câmara dos Vereadores resolver"*, reivindicando CPI contra as mobilizações.

OS- Qual foi o papel do PSTU?

Gilmar - Fomos a única candidatura à prefeitura a participar e se colocar a serviço da luta desde o início. Falamos a todo o momento que era aquela a maneira de conseguir melhorar a vida, e não a esperança nas eleições. Convocamos a população para as manifestações no debate realizado na TV Barriga Verde. Defendemos a continuação do movimento lutando pelo passe-livre para estudantes e desempregados, mesmo com a capitulação da autoproclamada direção, que sempre tentou despolitizar o movimento, não relacionando a luta local com as políticas neoliberais do governo Lula.

Ao contrário da CUT governista, que não estava presente no movimento, mas negociava em nome dele com a prefeitura, com o objetivo de pôr fim às mobilizações, a Conlutas-SC se fez presente desde o início, divulgando nota de apoio e conclamando todos a unificar as lutas para derrotar o aumento da tarifa e as reformas Sindical, Trabalhista e Universitária do governo Lula e do FMI.

OS - O que o PSTU propõe para resolver o problema do transporte em Floripa?

Gilmar - Nós propomos, em primeiro lugar, a estatização, acabando com o lucro da máfia dos transportes. Sem essa medida, nenhuma alternativa real é possível, porque os donos das empresas vão fazer aquilo que significar mais lucros para as suas empresas, e não o que for necessário para a população. A administração dessas empresas não poderia ficar sob controle de uma burocracia a serviço da prefeitura, mas sob o controle de conselhos populares deliberativos, formados por associações de moradores, sindicatos de trabalhadores e movimento estudantil. Isso permitiria a implantação de uma tarifa social, com preço reduzido, assim como do passe-livre para estudantes e desempregados.

QUARENTA DIAS DE GREVE CONTRA ALCKMIN E LULA

PROFESSORES, FUNCIONÁRIOS E ESTUDANTES se mantêm firmes, apesar da intransigência das reitorias e da truculência do governo estadual

***JOSÉ GALVÃO**, do Comando Estadual de Greve / Unicamp*

FOTOS ADUNESP

Manifestação dos trabalhadores e estudantes das universidades estaduais na Unicamp

A greve dos funcionários e professores das universidades estaduais paulistas (USP, Unesp e Unicamp) completa mais de 40 dias. Ainda assim a intransigência do Conselho de Reitores (Cruesp) e do governo Alckmin continua. Após cinco reuniões de negociação reivindicando 16% de reajuste salarial, os professores e funcionários receberam como resposta: 0%. Esta situação levou ambas as categorias a reverem, a partir de um indicativo do Fórum das Seis (fórum que reúne as Associações de Docentes e Sindicatos dos Trabalhadores e entidades estudantis das três universidades), o índice para 9,51%. Mesmo com esta contraproposta o Cruesp reafirmou o 0% e fechou a negociação. Sem perspectivas de reajuste salarial, a mobilização refluiu. Os funcionários da Unicamp foram os primeiros a sair da greve. Mas a paralisação continua com os docentes, estudantes e na USP e Unesp.

A situação dos trabalhadores das estaduais paulistas é a mesma do resto do país. Com uma política de submissão ao FMI, o governo Lula não investe nas áreas sociais e prepara reformas, como a universitária, que privatiza o ensino público. Seja com Lula, seja com Alckmin, a política de arrocho é a mesma: *"É Lula lá, Geraldo aqui a nossa verba ta com o FMI"*.

Vigília na votação da Lei de Diretrizes Orçamentárias na Assembléia Estadual de São Paulo

A Assembléia Legislativa de São Paulo votará a Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO). Na LDO, o percentual do ICMS (Imposto de Circulação de Mercadorias e Serviços) destinado às universidades estaduais é de 9,56%. A reivindicação histórica dos trabalhadores e estudantes das estaduais é de 11,6%. Por isso, o movimento acompanha a votação com atos e vigílias.

ESTUDANTES NA LUTA

Apesar da greve ter sido desencadeada pelos professores e funcionários, os estudantes da USP, Unesp e Unicamp aderiram à mobilização rapidamente. Além da defesa do reajuste salarial e do aumento de verbas na LDO, organizaram sua própria pauta para negociar com os reitores.

Na Unesp não faltam motivos para greve: falta Assistência Estudantil, como a moradia, leva muitos estudantes a abandonarem os cursos; alunos dos últimos anos não se formam porque não há professores. As fundações privadas parasitam a USP. Na Unicamp, a Reitoria desferiu um golpe contra os estudantes não homologando os Representantes Discentes para o Conselho Universitário. Na Unicamp e na Unesp o Registro Acadêmico está sendo transferido para o controle Banespa/Santander. Os estudantes aprovaram também a luta contra a Reforma Universitária de Lula. As reitorias da Unesp e da Unicamp foram ocupadas, mesmo assim os reitores continuam intransigentes e ameaçam com punições.

SOLIDARIEDADE

Campanha contra as punições aos que ocuparam a Reitoria da Unicamp

Após a ocupação da reitoria da Unicamp, o reitor Carlos Henrique Brito Cruz anunciou que identificou seis estudantes e irá puni-los. Pedimos o envio de moções de repúdio e mensagens para a Reitoria da Unicamp: brito@reitoria.unicamp.br com cópia para encontropublicas@yahoo.com.br

Encontro aprova calendário e coordenação

Depois de várias plenárias unificadas após os atos e da formação de um Comando Estadual de Greve, foi construído o II Encontro de Universidades Públicas Paulistas (o primeiro foi em 2000, também durante uma greve). Esta iniciativa foi um reflexo da necessidade da unificação das lutas.

Desde o início estava clara a ausência da UNE e da UEE-SP, ambas dirigidas pelo PCdoB, longe das lutas dos estudantes já há algum tempo. Da mesma forma, o DCE da Unesp –também dirigido pelo PCdoB - boicotou esta greve. Que papelão!

O Encontro, organizado pelo Comando Estadual de Greve dos Estudantes, foi apoiado pelo Fórum das Seis, por entidades do movimento estudantil e contou com a presença de cerca de 350 estudantes.

Entre as resoluções foram aprovados: Abaixo a política econômica do governo Lula; Contra a reforma Universitária; Nem a Une e nem a UEE falam em nosso nome; Por uma coordenação estadual aberta formada por CA´s, DCE´s e comitês contra a reforma para dar continuidade à luta; reafirmar a importância de iniciativas como o Encontro Nacional Contra a Reforma Universitária no Rio de Janeiro.

FOTO INDYMEDIA

Plenária final do encontro das públicas

CORRENTES DO PT E DO P-SOL SÃO CONTRA A COORDENAÇÃO ESTADUAL

Os principais ativistas da greve defenderam a Coordenação Estadual, junto com militantes do MRS, SR e a Comuna, o que garantiu a vitória da proposta.

As correntes ligadas ao PT (O Trabalho) e ao DCE-USP (composto por Força Socialista, MTL (P-Sol) e DS) foram contra criar esta coordenação, alegando que sua existência significava a ruptura com a UNE e a UEE. Essa posição inviabilizaria a unidade das estaduais paulistas.

Agora haverá uma luta para que as resoluções do encontro sejam cumpridas, pois a postura destas correntes continuará sendo a de minimizar a importância do encontro e boicotar suas principais resoluções.

UNE e UBES apóiam reforma do governo Lula

NO DIA 9, as entidades estudantis se reuniram com o ministro da Educação, Tarso Genro, para apoiar dois pontos da reforma Universitária

***JULIA EBERHARDT**, diretora de oposição na UNE e membro da Coordenação Nacional de Luta dos Estudantes (Conlute)*

A UNE, a UBES e centrais sindicais - CUT, Força Sindical e outras – se reuniram com o ministro da Educação, Tarso Genro, para apoiar o projeto Universidade para Todos, que compra vagas nas faculdades privadas, e o projeto de cotas para estudantes de escolas públicas.

As entidades divulgaram manifesto afirmando que "o aumento de vagas públicas nas escolas privadas ampliará, para todos, oriundos do ensino público ou do ensino privado, o acesso à universidade" *e que* "o estabelecimento das cotas, além de uma questão de justiça, será decisivo para o fortalecimento e revigoramento do ensino em todos os níveis".

Está claro em mais este triste episódio o apoio explícito da UNE às medidas que atacam a universidade pública e o movimento estudantil. Tudo sob o pretexto de incluir jovens trabalhadores e negros na universidade.

A compra de vagas nas faculdades privadas favorece apenas os tubarões do ensino com isenção de impostos. As cotas do governo, além de não atingirem igualmente todos os cursos, são parte de uma reforma que privatiza as universidades públicas.

A UNE e a UBES não podem mais falar em nome dos estudantes! É hora de organizar manifestações em todo o país contra esta reforma e fortalecer novas alternativas de luta como a Coordenação Nacional de Luta dos Estudantes – Conlute.

CONLUTAS TERÁ ENCONTRO NACIONAL NO FSM DE 2005

DA REDAÇÃO

No dia 8 de julho, foi realizada a reunião da Coordenação Nacional de Lutas (Conlutas), em Brasília. Estavam presentes na reunião, as seguintes entidades: Unafisco Sindical, Sinasefe, ANDES-SN, Federação Democrática dos Metalúrgicos de Minas Gerais, Fenafisco, Sindilegis, Mosap, Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos, Sintsep/PA, Adunesp, além das Coordenações Estaduais (Celutas) de São Paulo, Santa Catarina, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Também esteve presente na reunião um representante do gabinete da deputada federal Luciana Genro (P-SOL).

FOTO JORGE CARDOSO

A avaliação do ato do dia 16 de junho, realizado em Brasília estava na pauta. Na opinião dos participantes, a manifestação foi uma expressiva vitória do movimento sindical combativo e independente e demonstra a existência de um grande espaço para a realização de mais atividades que possam combater o projeto neoliberal do governo. Somente dessa forma podemos fortalecer uma alternativa para a luta dos trabalhadores em nosso país, diante do governismo reinante nas centrais. Como conclusão desse balanço, foi definido um plano de ação até o primeiro semestre de 2005. Veja os principais pontos do plano.

PSTU.ORG.BR

Leia a versão integral do plano de ação da Conlutas no site do PSTU.

PLANO DE AÇÃO

• AVANÇAR NA ORGANIZAÇÃO E FORTALECIMENTO DA CONLUTAS

Realizar a partir da segunda quinzena de outubro, até o fim de novembro, encontros nos estados e regiões. Estes encontros teriam duplo objetivo. Primeiro, seguir com a discussão sobre o calendário de lutas e como viabilizá-lo. Segundo, Aprofundar a discussão sobre essa alternativa que estamos construindo com a Conlutas.

• DAR CONTINUIDADE A LUTA CONTRA A REFORMA SINDICAL

Realizar seminários e debates nos estados para informar e dar formação, se utilizando, inclusive de manifestações e protestos públicos. Estudar a possibilidade de uma nova atividade em Brasília na entrega da proposta da reforma Sindical no Congresso.

Devemos buscar envolver nessas atividades todos os setores contrários à reforma.

Fazer também trabalho de pressão e articulação no Congresso Nacional, buscando inviabilizar a aprovação da reforma. É importante realizar pressão nos parlamentares em cada estado.

• CONTINUAR A LUTA CONTRA A REFORMA UNIVERSITÁRIA

Os estudantes realizaram encontro no Rio de Janeiro, onde constituíram uma Coordenação de Lutas dos Estudantes e definiram um calendário de lutas contra a reforma Universitária: a) Manifestações nas Audiências Públicas do MEC; b) Promover debates e seminários nas universidades, visando realizar plebiscito "contra" a reforma, em todas as universidades, no mês de outubro; c) Realizar grande manifestação em Brasília, em novembro, por ocasião da entrega da Lei Orgânica do Ensino Superior. É preciso buscar unir todas as entidades e setores que estão na luta contra a reforma Universitária, em um calendário comum de lutas. Para isso é importante assegurar uma reunião com todos esses setores para avançar nesse sentido. O ANDES-SN está organizando uma reunião com esse objetivo, no Fórum Mundial de Educação. Portanto, é importante que todos participem da reunião para avançar na construção dessa unidade, partindo das propostas existentes e das lutas em curso.

• PARTICIPAÇÃO E APOIO ÀS LUTAS EM CURSO

A Conlutas deve estar presente nas campanhas salariais do funcionalismo (que ainda estão em curso) e das demais categorias no segundo semestre;

Deve também apoiar e participar das lutas estudantis e populares (passe livre, transporte...), como está ocorrendo agora em Santa Catarina;

E deve continuar a apoiar todas as lutas dos movimentos populares (moradia, reforma agrária, etc).

Apoiar e impulsionar as lutas dos aposentados, do setor público e do setor privado.

• GRITO DOS EXCLUÍDOS

Jogar peso, em todos os estados, no sentido de uma forte participação nas atividades do Grito dos Excluídos, que acontecem todos os anos no 7 de setembro. É preciso, desde já, procurar a coordenação do Grito em cada estado para ajudar na organização e divulgação das atividades.

• CAMPANHA CONTRA O PAGAMENTO DA DÍVIDA

Desencadear uma campanha permanente visando massificar junto à população a idéia de que é imprescindível suspender o pagamento das dívidas externa e interna, para que se possa encontrar solução para qualquer dos problemas que afligem os trabalhadores e jovens de nosso país. A idéia é explicitar a relação que têm as lutas contra o desemprego, pela moradia, pela valorização do serviço público, pela reforma agrária etc, com a necessidade de redirecionar estes recursos que hoje são enviados aos banqueiros e grandes empresários.

A idéia discutida é trabalhar essa campanha a partir das definições da Campanha Jubileu Sul e da Auditoria Cidadã.

Também definiu-se que a campanha contra a dívida deve ser um carro-chefe, mas que remeta também à discussão sobre a necessidade de romper com o FMI e com as negociações da Alca.

• ATIVIDADES NO FÓRUM SOCIAL MUNDIAL (JANEIRO 2005)

Realizar um Grande Encontro Nacional da Conlutas no FSM em Porto Alegre. Este encontro, além de debater e definir um cronograma para a continuidade da nossa luta, deve também buscar aprofundar o debate sobre essa alternativa de luta que estamos construindo com a Conlutas.

Promover também, durante o Fórum, dois grandes debates: o primeiro sobre o governo Lula e as perspectivas dos movimentos sociais; o segundo sobre a recolonização imperialista (dívida/FMI/Alca/guerra). Convidar personalidades de todas as forças políticas de esquerda que se opõem ao projeto neoliberal em curso.

Promover grande manifestação contra as reformas neoliberais e o modelo econômico do governo Lula, durante o FSM, sem prejuízo da nossa participação na marcha de abertura do Fórum.

Arte, precisamos dela para viver

Cartaz de divulgação do Seminário de Guerrilha Cultural

***CECÍLIA TOLEDO**, da redação*

Como a arte pode unir-se à luta dos trabalhadores sem abrir mão da qualidade artística, sem virar panfletária? Essa questão, tão difícil de responder, foi o centro do Seminário de Guerrilha Cultural organizado pelo MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto) no início no mês, na PUC, em São Paulo. "Nosso objetivo é conhecer as outras manifestações artísticas, para ver como criar um setor de Cultura no movimento", explica Nicolau, Coordenador de Cultura do Coletivo Regional do MTST.

José Fernando, da Cia Teatro de Narradores, contou a experiência de seu grupo num assentamento no Rio de Janeiro. Tudo deve partir das inquietações dos envolvidos. Walter Garcia, diretor musical da Cia do Latão falou sobre o processo de criação no grupo, para mostrar que arte não é algo mágico, que cai do céu, que a música não é de inspiração divina, ou virtual, mas fruto da relação cotidiana e concreta entre os homens.

O objetivo do MTST com o seminário é criar um espaço no interior que é um movimento urbano, de massas, para refletir sobre a arte popular. Para o MTST a arte pode ajudar na tomada de consciência.

O MTST surgiu em 1997 como necessidade de organizar os movimentos urbanos pela moradia. Está organizado no Rio de Janeiro, Campinas e São Paulo. Neste momento, cerca de 300 famílias vivem em cada um dos três acampamentos mantidos em São Paulo, na zona oeste e em Osasco: Anita Garibaldi, Carlos Lamarca e Rosa Luxemburgo.

OS LIMITES DO SINDICALISMO

A LUTA SINDICAL, sendo imprescindível, é limitada e insuficiente para vencer o capital

Lenin conversa com trabalhadores na Praça Vermelha, no 1º de Maio de 1919

***MARIÚCHA FONTANA**, da redação*

Os sindicatos surgiram no período de formação e de auge do capitalismo. Karl Marx e Friedrich Engels dedicaram muitas páginas à análise dos sindicatos. Engels, no livro "*A condição da classe trabalhadora na Inglaterra*", afirma que "*como escolas de guerra, os sindicatos não têm competidores*". Com esta idéia, buscava valorizar a união dos operários na luta contra o capital, que possibilitava uma preparação para a "*batalha futura*". Para a batalha política do proletariado em direção a tomada do poder de Estado: o fim do trabalho assalariado e a implantação do socialismo.

Mas, mesmo Marx e Engels, que viveram sob o capitalismo da livre concorrência e não sob a época imperialista, já apontavam os limites do sindicalismo. Falavam de como a "*prosperidade*" industrial criava tentativas de comprar e corromper os operários; de como os líderes dos operários ingleses se transformavam num tipo de intermediários "*entre o burguês radical e o operário*".

A LUTA SINDICAL DEVE SUBORDINAR-SE À LUTA POLÍTICA

Para os marxistas revolucionários, a luta econômica e sindical é parte fundamental da luta de classes, mas deve combinar e se subordinar à luta política, porque não é a luta mais importante e nem a única a ser travada.

Pelo contrário, o sindicalismo desenvolve espontaneamente tendências oportunistas, de limitação das lutas ao sistema capitalista e ao Estado Burguês.

Se o marxismo revolucionário sempre defendeu a participação dos revolucionários nos sindicatos e nas lutas imediatas dos trabalhadores contra todo ultra-esquerdismo, não dedicou menos esforços à luta contra o oportunismo. Este, desviando-se para o sindicalismo, adaptava-se ao reformismo e, em situações diretamente revolucionárias, representava a burocracia e a aristocracia operária, atuando ao lado da burguesia "democrática" contra a revolução.

Por isso, Lenin definia que os sindicatos e a luta sindical eram apenas uma "*escola de guerra, não eram ainda a própria guerra*" e que a consciência apenas sindical era uma consciência burguesa.

O COMBATE AO SINDICALISMO E AO REFORMISMO

As tendências ao revisionismo oportunista e as grandes polêmicas com este se manifestaram no Partido Social Democrata alemão (SPD), na década de 1890. Esta situação ecoou por toda II Internacional, através dos debates de Rosa Luxemburgo e outros. Eduard Bernstein afirmava ser "*o movimento tudo e o objetivo final nada*", pregando a via pacífica para o socialismo, através da conquista de reformas sucessivas e da negação da ditadura do proletariado. Foi, neste mesmo período que Lenin enfrentou os *economicistas* (sindicalistas russos), antecipando na Rússia, em 1903, o que ocorreria em 1914, em toda a Europa. Ou seja, a ruptura dos revolucionários com a ala oportunista da social-democracia, que acabou apoiando a burguesia de seus respectivos países na Primeira Guerra Mundial.

O livro *Que Fazer?*, escrito em 1902, polemiza com a corrente economicista, acusando-a de ser apenas uma forma de *Bersnteinismo*, e defende a necessidade de um partido revolucionário que atue e conduza "*num só feixe a luta econômica, política e teórico/ideológica*", em direção a tomada do poder.

Lenin afirmava que a luta econômica deveria subordinar-se à luta política revolucionária, pois a luta sindical, sendo imprescindível sob o capitalismo, por si só era estreita, porque convivia com este e apenas almejava vender a um preço melhor a mercadoria força de trabalho. Os *economicistas* rebatiam que não negavam a luta política, apenas entendiam que "*a política acompanha docilmente a economia*". Ou seja, negavam a política revolucionária e defendiam na prática uma política sindical ou reformista, que se limita à denunciar o governo, visando reformas, através de leis que não suprimem a sujeição do trabalho ao capital.

Lenin defendia a necessidade de organizar um partido revolucionário, que subordinasse sua atuação sindical aos objetivos políticos revolucionários, participando e ajudando o movimento operário em todas as suas lutas, mesmo as mais modestas, mas que – ao mesmo tempo – realizasse agitação política revolucionária e combatesse o espontaneísmo e as ideologias burguesas e reformistas.

A atualidade do leninismo nesse terreno é inegável, pois nesta etapa de decadência imperialista, a burocracia e a aristocracia operárias estrangulam a independência dos sindicatos em relação ao Estado burguês, com a política de conciliação, e mantém seus privilégios, através da traição mais descarada e aberta aos interesses dos trabalhadores.

Trechos do *Que Fazer?*

"O aparecimento da Rabótchaia Myls *(O* Pensamento Operário, *jornal dos economicistas) trouxe o 'economicismo' para a luz do dia (...) Frases como: é preciso colocar em primeiro plano não a 'nata' dos operários, mas o operário 'médio' entraram na moda (...).*

Isto constituiu o completo aniquilamento da consciência pela espontaneidade (...), a espontaneidade dos operários seduzidos pelo argumento de que mesmo um aumento de um copeque por rublo valia mais que todo socialismo e toda política (...). As frases desse gênero foram sempre as preferidas dos burgueses do Ocidente que, odiando o socialismo, trabalhavam (...) para transplantar para seus países o sindicalismo inglês e diziam aos operários que a luta exclusivamente sindical é uma luta por eles próprios(...). Isto mostra – o que não pode chegar a compreender o Rabótecheie Dielo *(*A Causa Operária, *revista dos economicistas) –, que todo culto da espontaneidade do movimento operário, toda diminuição do 'elemento consciente' (...) significa, queira ou não, um reforço da influência burguesa sobre os operários. Todos aqueles que falam (...) de 'exagero do elemento consciente' etc, imaginam que o movimento puramente operário é, por si próprio, capaz de elaborar e irá elaborar para si uma ideologia independente (...) Mas isso se constitui num erro profundo.(...) citaremos ainda as palavras justas (...) de K. Kautsky (...):* Muitos de nossos críticos revisionistas atribuem a Marx a afirmação de que o desenvolvimento econômico e a luta de classes não somente criam as condições da produção socialista, mas engendram diretamente a consciência de sua necessidade. (...) Por conseguinte, a consciência socialista constituirá o resultado necessário, direto da luta proletária de classe. Ora, isso é inteiramente falso. (...) o socialismo e a luta de classe surgem paralelamente e um não engendra o outro: surgem de premissas diferentes. A consciência socialista de hoje não pode surgir senão à base de um profundo conhecimento científico.(...) Assim, pois, a consciência socialista é um elemento importado de fora na luta de classe do proletariado *(...)"*

O desenvolvimento espontâneo do movimento operário resulta justamente na subordinação à ideologia burguesa (...) pois o movimento espontâneo é o sindicalismo; ora, o sindicalismo é justamente a escravidão ideológica dos operários pela burguesia"

MÉXICO NO MERCOSUL É MAIS UMA JOGADA DO IMPERIALISMO

O MÉXICO QUER fazer parte do Mercosul; mais uma jogada para impulsionar a Alca e o comércio da América Latina sob o controle do governo norte-americano

***YURI FUJITA**, da redação*

ROOSEVELT PINHEIRO / AG. BRASIL

Vicente Fox presidente do México se reúne com Lula em Brasília

Nesta última semana o presidente Vicente Fox esteve no Brasil para apresentar o México como pretendente ao Mercosul. Já no Brasil, Fox afirmou que a entrada do México significaria um fortalecimento do bloco e impulsionaria uma integração da América Latina. O atual presidente mexicano tem um currículo digno de um representante dos interesses comerciais do imperialismo norte-americano. Formado pela Universidade Harvard em Administração de Empresas, teve sua primeira experiência em gerenciamento ocupando a presidência da Coca-Cola no México. Em 1988, ingressou no Partido de Ação Nacional (PAN), fundado em 1939, para representar os latifundiários e a burguesia industrial mexicana. Fox chegou ao poder após 72 anos de sucessivos governos do Partido Revolucionário Institucional (PRI). Capitalizou a crise do neoliberalismo após 1994 e se elegeu prometendo um "*desenvolvimento econômico com rosto humano*".

Por trás de toda esta ardorosa defesa de "*integrar a América Latina*" está a intenção de vender o livre comércio como modelo econômico para os países latino-americanos. e cita como exemplo a experiência de seu país com o Nafta (acordo comercial entre México, EUA e Canadá) "*Ninguém pode falar como o México das vantagens do livre comércio*".

MÉXICO: TÃO LONGE DO CÉU E... TÃO PERTO DOS EUA

Em 6 anos e meio de aplicação do Nafta, aparentemente, tudo caminhava bem com a economia mexicana. Foram incrementados cerca de US$ 102 milhões de investimentos estrangeiros. Em 5 anos o comércio com os EUA cresceu 118%. As exportações passaram de US$ 23 milhões em 1981 para US$ 138 milhões em 2000.

Na verdade, a economia mexicana cresceu enquanto a norte-americana não estava em recessão. Com a crise no coração do capitalismo, o México está pagando caro pela dependência de mais de 90% do comércio externo com os EUA. Em 1981, as exportações tinham um conteúdo nacional de quase 86%. Em 2001, por cada dólar da exportação industrial para os EUA só irrisórios 18 centavos ficavam no país. O setor que mais cresceu foi o das maquiladoras – empresas montadoras, que importam dos EUA a matéria-prima, montam e re-exportam, usando geralmente mulheres e crianças como mão-de-obra. Assim o México se transformou numa imensa plataforma de exportações dos produtos, na maioria americanos, fabricados pelas mais de 1.500 maquiladoras instalada no país.

A realidade demonstrou que apenas dois setores ganharam ao "*ser o 7º exportador mundial*": as empresas norte-americanas e a burguesia mexicana associada a elas. A instalação do Nafta, a partir de 1994, só aprofundou as condições precárias nas quais já vivia o povo mexicano. O poder aquisitivo do salário mínimo caiu em 50%. A dívida externa do país em lugar de baixar aumentou absurdamente. Em 1990, chegava a US$ 107 bilhões; em 2000, saltou para US$ 164 bilhões. Hoje está perto dos US$ 80 bilhões, mas às custas de uma profunda desnacionalização da economia e da "*hipoteca*" do petróleo mexicano para os EUA.

A pobreza no país também aumentou. Em 1984, havia 11 milhões de pobres, ou seja, 16% da população; já em 2003, passou a 50 milhões: 58% da população. Nos EUA, os trabalhadores também saíram prejudicados. Houve perda de 760 mil postos de trabalho desde que o acordo entrou em vigor.

As recentes pesquisas de opinião divulgadas no jornal mexicano "El Universal" já estão refletindo o desgaste do governo Fox. Quando perguntadas sobre o desemprego no México, 72% das pessoas reprovaram a política do governo. Além disso, 68% reprovaram ainda a economia e 60% o combate à pobreza implementado.

À luz destas cifras, não se pode dizer que o México se desenvolveu com a aplicação do Nafta. Ao contrário, está mais dependente, mais explorado, mais pobre, sem soberania nacional e se tornou uma colônia do imperialismo norte-americano.

Lula e a submissão imperialista

O governo Lula por outro lado, envaidecido pelo desejo de Fox de estabelecer relações bilaterais com o Mercosul, demonstra interesse em tomar como modelo a economia mexicana. A iniciativa de Fox em "oferecer ajuda" a Lula para alavancar o Mercosul tem uma origem clara. O presidente mexicano não fala por si mesmo, tem como missão encaminhar as negociações da Alca através deste acordo Mercosul-Nafta.

A submissão completa das burguesias latino-americanas às ordens do imperialismo se expressa de forma geral em todos os tratados dos quais participam: Nafta, Alca e, inclusive, os assinados entre os países da área, como o Mercosul, são variantes do desmantelamento de qualquer norma de proteção das economias, a serviço da penetração das multinacionais.

PELO MUNDO

POR YURI FUJITA

PERU

População quer paralisação contra Toledo

Respaldada por organizações camponesas, estudantis, sociais e partidos de esquerda, a Confederação Geral dos Trabalhadores Peruana convocou para 14 de julho uma paralisação nacional. A pauta de reivindicações inclui a mudança na política econômica e a renegociação da dívida externa. Uma pesquisa de opinião do Instituto de Investigações de Ciências Econômicas do Peru revelou que 85% da população acreditam que a renúncia do presidente Alejandro Toledo deveria estar entre as reivindicações da paralisação.

BOLÍVIA

Confirmado o referendo do gás

INDYMEDIA

O Congresso boliviano aprovou a realização do referendo sobre o gás para o dia 18 de julho. A consulta terá cinco perguntas, mas a COB alega que nenhuma delas tratará da nacionalização do gás, como quer o movimento: "Este referendo é uma armadilha do presidente Mesa para respaldar seu projeto de entregar o gás às multinacionais", afirmou Jaime Solares, presidente da COB. A orientação da central é boicotar o referendo e, onde for possível, impedir que as mesas de votação sejam instaladas. O MAS, de Evo Morales, se somou à bancada da direita para aprovar a realização do referendo e, contra a maioria das organizações, está com o governo convocando a população a votar.

ESPANHA

Tirando tropas do Iraque e mandando para outro lugar

O recém eleito primeiro-ministro da Espanha, José Zapatero, provou ser uma farsa. No dia 6, sua proposta de enviar tropas ao Haiti e reforçar a presença militar da Espanha no Afeganistão foi aprovada no Parlamento. Zapatero elegeu-se comprometido com a retirada das tropas do Iraque, mas, na primeira oportunidade, socorre os EUA.

PSTU LANÇA CANDIDATURAS MUNICIPAIS NO ABC PAULISTA

NO FINAL DE JUNHO o PSTU lançou seus candidatos às prefeituras das seis cidades do ABC paulista. Além disso, lançou 38 candidatos a vereador. Conheça os candidatos

SANTO ANDRÉ

EDGAR FERNANDES,

professor da rede estadual e vice-presidente da Apeoesp (sindicato dos professores)

"A maior cidade do ABC, há duas gestões dirigida pelo PT, foi sacudida pelo escândalo de corrupção e assassinato do prefeito Celso Daniel. Os fatos mostram que não existe diferença entre as prefeituras do PT e os demais partidos. Desvio de verba e corrupção fazem parte do sistema capitalista, e o PT, ao governar com a burguesia, torna sua administração igual a de qualquer partido burguês".

DIADEMA

IVANCI DOS SANTOS,

professor da rede estadual e diretor da Apeoesp

"Nas eleições veremos novamente as promessas repetidas há 22 anos. Nossa vida não mudou e os problemas continuam os mesmos: falta moradia, hospital e escola. Vamos denunciar o jogo de cartas marcadas que são as eleições burguesas. Minha candidatura estará a serviço da mobilização e da luta dos trabalhadores da região".

RIO GRANDE DA SERRA

ANTONIO ÂNGELO,

metalúrgico

"Nossa região é considerada a mais rica do país, no entanto, só um punhado de ricos e privilegiados desfruta da riqueza. Crianças morrem de fome da mesma forma que nas regiões mais miseráveis do Brasil".

MAUÁ

DIEGO MARTINS,

metalúrgico desempregado

*"Com a nossa candidatura, queremos construir o partido. Isso já ficou demonstrado com o ingresso de um grupo de 20 companheiros no **PSTU**. Todos trabalhadores e moradores dos bairros pobres da cidade".*

SÃO CAETANO DO SUL

MARCOS LEAL, *ALEMÃO*

ex-metalúrgico

"Vamos desmascarar toda propaganda que afirma que São Caetano é uma cidade 'modelo' para o país. Aqui enfrentamos os problemas de qualquer outra cidade da região, como a falta de emprego, moradia".

SÃO BERNARDO DO CAMPO

ELIANA FERREIRA,

advogada

São Bernardo do Campo, berço do sindicalismo no início da década de 80, terá a advogada dos servidores públicos e do Movimento dos Sem-Teto, Eliana Ferreira, como candidata à prefeita. Veja abaixo trechos de uma entrevista concedida por Eliana ao Opinião.

Como você está vendo as eleições este ano?

As eleições deste ano acontecem sobre uma profunda decepção dos trabalhadores com o governo Lula e com o PT. Ele prometeu gerar 10 milhões de empregos e o que estamos vendo é o aumento dos desempregados. São Bernardo é uma das cidades que mais sofrem com o desemprego do país e os trabalhadores da cidade já começam a perceber que o principal responsável é a manutenção da política econômica de fome e arrocho imposta pelo governo.

Prova disso é que os metalúrgicos já mostraram a sua indignação vaiando Lula, quando esse visitou a fábrica Daimler Chysler (antiga Mercedes Benz). A decepção com o PT também aumentou com o anúncio da coligação feita por Vicentinho, candidato à prefeitura pelo PT, com os partidos da direita, como o PMDB de Quércia. Vamos denunciar a atual administração de William Dib, do PSB, que nesses anos esteve sempre ao lado dos ricos da cidade. Nem o PT nem o PSB são alternativas para os trabalhadores. Por isso, queremos construir uma nova alternativa de esquerda na região em oposição a atual prefeitura e ao governo Lula.

Qual é o objetivo da sua candidatura?

Nenhuma promessa de geração de empregos, construção de casas populares ou melhoria dos serviços públicos pode ser realizada sem uma verdadeira ruptura com o Fundo Monetário Internacional.

Portanto, nossa candidatura será porta-voz da defesa das lutas e reivindicações dos trabalhadores e dos movimentos populares, como o Movimento dos Sem-Teto.